



## AS CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICO PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Flavia Pereira Oliveira<sup>1</sup>, Ana Paula Aparecida Morais Terra Cunha<sup>2</sup>  
Isa Mara Colombo Scarlati Domingues<sup>3</sup>

<sup>1</sup>UFG/Jataí flaviapo1982@gmail.com

<sup>2</sup>UFG/Jataí anapaulatc30@gmail.com

<sup>3</sup>UFG/Jataí isa.scarlati@gmail.com

### Resumo:

O presente artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório que tem como objetivo apresentar os fundamentos históricos e filosóficos da pedagogia histórico-crítica e suas contribuições no processo de formação docente especialmente nesse momento em que a educação recebe influências que implica o esvaziamento do fazer pedagógico e da função da escola. Serão utilizadas obras de Dermeval Saviani e de outros autores e pesquisadores considerados importantes para o aprofundamento desse trabalho tendo a pedagogia histórico-crítica como principal aporte teórico. Na introdução, será apresentado o processo histórico, desafios e críticas enfrentadas ao longo dos estudos e debates. Em seguida, será abordado o processo de transformação da sociedade e como a educação foi surgindo nesses diferentes contextos históricos. Depois, será analisado os fundamentos da teoria tendo em vista suas bases filosóficas, psicológicas e a didática levando em consideração como essa pedagogia pensa a sociedade, a educação, o aluno, o professor, o currículo e o conteúdo. Finalmente, será abordado a sua importância para a defesa do fazer pedagógico e da função do ensino escolar partindo da perspectiva de uma escola que tem como especificidade, ensinar o conhecimento científico de maneira democrática para a promoção de cidadãos críticos e transformadores.

**Palavras-chave:** Pedagogia histórico-crítica. Ensino. Formação docente.

### 1. Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar as principais características da pedagogia histórico-crítica e suas contribuições para a formação docente em busca do processo de democratização do ensino. Isto é, no sentido de promover à classe trabalhadora o acesso aos conteúdos clássicos e às formas mais elaboradas do conhecimento numa perspectiva crítica e não alienada no ambiente escolar de maneira que seja capaz de formar cidadãos para lutar contra qualquer tipo de dominação na sociedade capitalista a partir de uma formação emancipatória.

Para compreender como a pedagogia histórico-crítica pode ser capaz de contribuir com a formação docente nessa perspectiva, faz-se necessário um estudo profundo de seus elementos a fim de conhecer os fundamentos e métodos que ela se apoia e entender como ela pode nortear o fazer pedagógico diante das contradições impostas pela sociedade. Nesse sentido, é importante levar em consideração a concepção de educação que nos direciona para o papel da escola. Martins (2004) diz

Considero que a função da escola é a socialização do saber historicamente produzido tendo em vista a máxima humanização dos indivíduos, e que esta função não se exerce na centralização das esferas do cotidiano, do imediatamente visível e acessível. [...]. Entretanto, a máxima humanização dos indivíduos pressupõe a apropriação de formas de elevação acima da vida cotidiana, pressupõe um processo em direção ao humano genérico. (2004, p. 65).

Com isso, é preciso pensar em uma educação capaz de formar cidadãos para exercer a cidadania com consciência e criticidade levando em consideração a concepção de homem como sujeito concreto, que vai sendo construído historicamente por meio das relações sociais e se apropriando dos conhecimentos acumulados ao longo da história. Essa concepção se opõe ao modelo de educação que visa interesses antagônicos ao da classe dominada. Segundo Lima

[...] existem diferentes estratégias do capital para que a educação se subordine à sua esfera privada. Essas estratégias que reduzem o trabalho a mero fator econômico: a força de trabalho que reduz também o papel da educação aos processos de habilitação técnica, social e ideologicamente de qualificação para o trabalho (2010, p. 58)

Dessa forma, entende-se que as pedagogias liberais vêm contribuindo para a reprodução do sistema capitalista de uma maneira alienada, pois apresenta uma concepção de educação que não enxerga o contexto social, ou seja, uma educação totalmente desvinculada da sociedade. Por isso, faz-se necessário saber como as relações de interesse do capitalismo se articula com ato educativo para que se possa pensar em uma educação transformadora.

## **2. A necessidade de uma pedagogia revolucionária**

Sabe-se que no comunismo primitivo a sociedade não era dividida em classes, pois tudo era produzido coletivamente e o processo da educação acontecia mediante ao próprio ato do trabalho à medida que a existência humana ia sendo produzida. Logo, alguns homens se apropriam da terra e passam a viver sem trabalhar, pois, contavam com a força de trabalho do outro surgindo a propriedade privada e a divisão de classe constituída pelos proprietários e não proprietários da terra.

Com isso, a educação vai tomando rumos diferentes e surge a escola direcionada à classe dominante que não precisava trabalhar e se ocupava do ócio. O meio de produção era a terra e a economia era baseada na agricultura, pois o homem morava no campo. Nesse momento, o trabalho deixa de ser escravo e passa a ser servil, sendo a educação destinada à classe dos proprietários e entendida como uma atividade não-trabalho.

Com o desenvolvimento das atividades do artesanato, que antes era produzido apenas para suprir a própria necessidade, passa a expandir a atividade mercantil promovendo o desenvolvimento das cidades e do comércio, dando origem à acumulação do capital e avançando a produção nas indústrias. O processo de produção começa a se deslocar do campo para a cidade com a mecanização da indústria que passa a produzir cada vez mais e o homem deixa de ser servo para ser assalariado rompendo o vínculo com a terra e passando a viver de sua força de trabalho. Marx (1985) aborda a desqualificação do trabalho e a alienação do trabalhador.

O sistema capitalista pressupõe a dissociação entre os trabalhadores e a propriedade dos meios pelos quais realizam o trabalho. Quando a produção capitalista se torna independente, não se limita a manter essa dissociação, mas a reproduz em escala cada vez maior. O processo que cria o sistema capitalista consiste apenas no processo que retira ao trabalhador a propriedade de seus meios de trabalho, um processo que transforma em capital os meios sociais de subsistência e os de produção e converte em assalariados os produtores diretos (MARX, 1985, p. 830).

Nesse sentido, quando a produção em larga escala passa a ser o foco da classe burguesa, que deixa de ser ociosa e passa a ser empreendedora, a dominação se intensifica e o trabalho vai se desqualificando por meio da exploração do homem pelo homem. O centro de produção passa a ser na cidade e na indústria exigindo a necessidade de incorporação da ciência no processo produtivo sendo a escola o principal meio para a qualificação de mão de obra.

Em meio a esse contexto, a escola passa a ser universal, obrigatória e gratuita sendo um direito de todos e com atribuições voltadas à qualificação para o mercado de trabalho e para a formação social, ética e moral dos indivíduos preparando-os para atuar na sociedade sem questioná-la. De acordo com essa concepção de educação, o objetivo não é formar sujeitos críticos, mas trabalhadores capazes de fazer perpetuar o modo de produção capitalista enquanto a burguesia é formada para continuar no controle por meio de uma educação mais sistemática. Segundo Brasil (2005)

Melhor esclarecendo, o capitalismo se mantém porque gerou uma cultura da acumulação e a educação, em seu sentido e em suas modalidades, pode servir de elo mediador para os processos de acumulação ao reproduzir ideias e valores que reforçam a reprodução ampliada do capital. A ordem capitalista vigente regula uma ação pedagógica que condiciona sujeitos, cuja educação tende a repetir um padrão de classificação hierárquica social, escolarmente sancionado e reproduzido nas formas de uma cumplicidade irrefletida, em que se perpetuam modelos estabelecidos (2005, p. 12).

Com isso, à medida que aumenta as exigências do mercado, a escola é reconstruída para atender a essas novas demandas e é obrigada a assumir diversas responsabilidades que a

descharacteriza da concepção de educação pautada na formação crítica para a cidadania. Em meio a essas contradições, o grande desafio é como superar essa ideia de educação que reforça cada vez mais a desigualdade social, pois possibilita apenas o saber necessário para manter a perpetuação da burguesa por meio da qualificação para o trabalho alienado e não o suficiente para promover uma revolução social capaz de promover uma sociedade mais justa e igualitária. Segundo Mascarenhas (2005)

Educação e trabalho são elementos essenciais de construção da sociabilidade humana. Por meio do processo educacional e pelo trabalho o homem torna-se homem, aprende a ser homem. Portanto, quando afirmamos que o trabalho é um princípio educativo na perspectiva aqui apontada, não estamos falando simplesmente de formação profissional ou de preparação para um emprego. Estamos falando de formação para a inserção no mundo, até mesmo no mundo do trabalho, mas não é inserção de caráter adaptativo, é inserção de forma realizadora, criadora, transformadora (2005, p. 162).

É nessa perspectiva que surge a necessidade de uma pedagogia capaz de democratizar o ensino permitindo o acesso dos saberes que foram historicamente construídos e acumulados à toda as pessoas, pois com o domínio dos meios de produção é que a classe trabalhadora pode transformar a sociedade e sair da condição de explorados. Segundo Rossler (2004)

Mas para transformar as bases de nossa educação é imprescindível o derrube da ordem burguesa e, assim, a práxis transformadora do homem e do mundo, e não apenas a crítica teórica e intelectual, deve ser um lema e o fundamento de toda e qualquer reforma pedagógica que esteja realmente engajada no processo de transformação radical das condições de vida dos homens na sociedade capitalista contemporânea (2004, p. 87).

Nesse sentido, surge a pedagogia histórico-crítica de base marxista seguindo a vertente do materialismo histórico dialético e evidenciando a relação entre educação e trabalho, numa perspectiva crítica e transformadora sendo a própria educação um trabalho não-material que se torna uma exigência para adquirir o máximo de conhecimentos necessários para exercer atividades laborais.

### **3. Processos históricos da pedagogia histórico-crítica**

O caminho para chegar a pedagogia Histórico-crítica foi longo e representou um esforço coletivo. As reflexões iniciais surgiram quando Dermeval Saviani começou a trabalhar com a filosofia da educação, pois abordava as questões educacionais logo no início da carreira

de docente em 1967. Nessa época, era professor na Universidade Pontifícia SP, no Ensino Médio de uma escola de periferia e em outra escola considerada de elite. Suas aulas funcionavam como um laboratório para suas reflexões e investigações que vinha desenvolvendo. Ele aplicava uma atitude pedagógica baseada no princípio de liberdade decorrente da responsabilidade, pois entendia que o papel da escola não é apenas de organizar as experiências propícias do cotidiano dos alunos, mas revelar os aspectos essenciais das relações sociais que a vida dos alunos esconde.

Nesse sentido, fazia-se necessário pensar em uma proposta que fosse revolucionária, especialmente no momento em que o país passava por crises econômicas devido à falta de investimentos do exterior e a alta da inflação. Além disso, a situação política também estava em crise, pois em 1961 Jânio renuncia à presidência e em 1964 é deflagrado o golpe militar. Este momento foi marcado por manifestações no meio acadêmico que pretendia promover uma revolução cultural com o objetivo de mudar as bases sociais, mas não obtiveram sucesso e a educação era a única esperança para a redemocratização do Brasil.

A partir desse movimento, surgiram as teorias crítico-reprodutivistas que fizeram uma análise crítica da estrutura da sociedade, entendendo a educação como um instrumento a serviço da perpetuação das desigualdades sociais e a reprodução das relações de dominação. Entre essas teorias destaca-se o Aparelho ideológico de estado, Teoria da violência simbólicas e Teoria da escola dualista que correspondem a uma análise da sociedade que mantém suas bases estruturadas na reprodução dos meios de dominação estando a escola a serviço da manutenção dessa ordem. Para Saviani (2007)

[...]. Enquanto as teorias não-críticas pretendem ingenuamente resolver o problema da marginalidade através da escola sem jamais conseguir êxito, as teorias crítico-reprodutivistas explicam a razão do suposto fracasso. Segundo a concepção crítico-reprodutivistas, o aparente fracasso é, na verdade o êxito da escola, aquilo que julga ser uma disfunção é, antes, a função própria da escola. Com efeito, sendo um instrumento de reprodução das relações de produção, a escola na sociedade capitalista necessariamente reproduz a dominação e exploração. Daí seu caráter segregador e marginalizador (2007, p.30).

Dessa forma, percebe-se a crítica em relação aos mecanismos da educação que tem como base sólida a reprodução das desigualdades sociais, no entanto, essas teorias não apresentaram propostas de intervenção no sistema havendo a necessidade da construção de uma proposta que fosse capaz de promover um enfrentamento consistente, ou seja, revolucionária. Saviani (2009) aponta que

A pedagogia revolucionária situa-se além das pedagogias da essência e da existência. Supera-as, incorporando suas críticas recíprocas numa proposta radicalmente nova. O cerne dessa novidade radical consiste na superação da crença na autonomia ou na dependência absoluta da educação em face das condições sociais vigentes (2009, p. 59).

Nesse sentido, entende-se a necessidade de buscar alternativas na área da educação por meio da construção de uma concepção crítica e não reprodutivistas, pois as teorias da época estavam atreladas ao regime militar e acabavam reforçando as relações de dominação. Então, Saviani buscou discutir questões relacionadas ao objeto da educação e os meios para atingi-lo, pensando a natureza e especificidade da educação por meio de alguns questionamentos como a diferenciação do homem em relação aos outros animais, fenômenos e demais seres vivos. Assim, partiu-se da ideia que os animais se adaptam à natureza enquanto o homem necessita produzir continuamente sua própria existência adaptando a natureza a si e a transformando já que a existência humana implica a produção dos bens materiais o que necessita da antecipação de ideias e do conhecimento das ciências.

De acordo com essa concepção, a educação manifesta-se desde a origem do homem pelo desenvolvimento de processos educativos que inicialmente coincidem com o próprio ato de viver. Com isso, o objeto da educação refere-se à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados, priorizando o que é essencial de acidental, principal de secundário, fundamental de acessório, além da descoberta de formas mais adequadas para atingir esse objetivo. Essas formas, refere-se à organização dos meios para transformar o saber científico em saber escolar como os conteúdos, espaço, tempo e procedimento, esclarecendo assim, a natureza e a especificidade da educação.

Nessa direção, levando-se em consideração o conjunto de estudos e reflexões coletivas, a pedagogia histórico-crítica surgiu no final da década de 70, mas o ano de 1979 representa o marco da concepção mais clara dessa tendência, pois um grupo começou a abordar mais dialeticamente a educação. Nesse momento, Saviani estava coordenando a 1º turma de doutorado em educação na PUC-SP com 11 doutorandos sendo 8 orientandos dele. O problema central do grupo era superar o pensamento crítico-reprodutivistas sendo importante considerar as contradições e descobrir formas de analisar a educação na tentativa de criar alternativas para os problemas enfrentados.

Mais tarde, sua orientanda Guiomar Namó de Mello apresentou a tese de doutorado com o pressuposto de que a educação tem uma função política e contraditória mostrando que a classe dominante se empenha em colocar a educação a seu serviço e a classe trabalhadora busca articular a escola com seus interesses. Em 1983, Saviani elabora e publica o texto “Onze teses

sobre educação” em sua obra “Escola e democracia” e o reprodutivismo vai cedendo espaço ao esforço de encontrar saídas com a nova proposta pedagógica.

Em 1980, na Conferência Brasileira de Educação, Saviani falou para um público defensor da escola nova. Na tentativa de convencer sobre sua teoria, ele usou a metáfora da “curvatura da vara” para explicar que a escola tradicional não estava totalmente certa, mas para endireitar precisava curvÁ-la para o lado oposto.

As pedagogias novas são portadoras de todas as virtudes, enquanto a pedagogia tradicional é portadora de todos os defeitos e de nenhuma virtude. O que se evidencia pelas minhas teses é justamente o inverso. Creio ter conseguido fazer curvar a vara para o outro lado. A minha expectativa é justamente que com essa inflexão a vara atinja o seu ponto correto, o qual não está também na pedagogia tradicional, mas na valorização dos conteúdos que apontam para uma pedagogia revolucionária (SAVIANI, 2007, p. 57).

A revista ANDE publicou sua intervenção no evento com o título de “Escola e democracia: a teoria da curvatura da vara”, e mais tarde Saviani publicou outro texto na mesma revista com o título “Escola e democracia: para além da teoria da curvatura da vara”, mostrando como se configura uma proposta nem tradicional nem escola novista. Depois disso, apareceram muitas críticas consideradas grandes dicotomias questionando a forma e o conteúdo de sua proposta, a socialização e a produção do saber, o saber e a consciência, o saber acabado e o saber em processo, o saber erudito e o saber popular.

Diante desses questionamentos, Saviani desmistifica tais críticas dizendo que o saber elaborado precisa ser transformado em saber escolar para possibilitar o acesso de todos, independentemente das condições sociais buscando sempre a socialização dos meios de produção, até então dominada apenas pela classe burguesa. Assim, à medida que os trabalhadores dominam o meio de produção do saber, ele vai desenvolvendo seu nível de consciência.

Na sequência, Saviani pensou nos desafios teóricos para a implantação da pedagogia histórico-crítica sendo necessário considerar a articulação entre os elementos psicológicos, a didática pedagógica e os problemas que envolvem a atual situação da educação brasileira. Contudo, ele considera relevante refletir também sobre outros aspectos.

No entanto, entendo que os problemas principais incidem exatamente sobre a problemática que envolve a prática, isto é, a situação da educação brasileira no interior da qual a pedagogia histórico-crítica tenta desenvolver-se e em relação à qual busca exercer um influxo no sentido transformador e de elevação da sua qualidade (SAVIANI, 2013, p.90).

Pensando nisso, ele denominou de materialidade da ação pedagógica porque o

desenvolvimento da teoria depende da prática e as condições encontradas no contexto educacional brasileiro eram precárias devido a três grandes problemas: Ausência de um sistema de educação, a organização das escolas e o desafio da descontinuidade, onde o sistema político rompe com os projetos de gestões anteriores além da falta de estrutura, pois para a implementação de uma nova teoria é necessário adaptar o espaço físico e a grade curricular.

Contudo, os estudos foram ganhando corpo e algumas entidades criadas contribuíram significativamente para o desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica como a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPED), Associação Nacional de Educação (ANDE) e o Centro de Estudos, Educação e Sociedade (CEDES). Outro fator importante para a construção dessa teoria foi as teses de doutorado no qual Saviani foi orientador, pois constituíram um caráter amplo e coletivo de discussões.

Atualmente, a educação tem recebido influências de todo o tipo, mas os estudos de diversos autores e pesquisadores revelam que a pedagogia histórico-crítica exerce uma importante contribuição no processo de ensino-aprendizagem. Para Duarte (2012)

O desafio que a pedagogia histórico-crítica tem assumido é o de se constituir num movimento nacional que explore as contradições da educação escolar brasileira na direção da socialização da propriedade dos conhecimentos científicos, artísticos e filosóficos entendendo-se esse movimento como parte da luta mais ampla pela socialização da propriedade dos meios de produção, ou seja, a luta pela revolução socialista (2012, p. 31).

É nesse sentido que essa perspectiva direciona à escolha do nome da pedagogia histórico-crítica que se justifica por trazer os conteúdos de maneira que desperte a consciência crítica do educando valorizando os conhecimentos elaborados historicamente pela humanidade. Além disso, uma teoria só se torna pedagógica à medida que se coloca na condição de conhecer e discutir os processos do ato educativo levando-se em consideração o objetivo de auxiliar o trabalho pedagógico na direção de uma educação emancipadora e capaz de promover a formação para a cidadania.

#### **4. Pressupostos da pedagogia histórico-crítica**

A pedagogia histórico-crítica tem suas bases pautada no materialismo histórico dialético, pois parte da interpretação da realidade social a partir de sua construção histórica sendo fundamental uma articulação entre teoria e prática. Ao observar a realidade e perceber as suas contradições entende-se que ela precisa ser analisada levando em consideração todas as



suas aparências. Nesse sentido, o marxismo se ocupa da relação homem e trabalho enquanto a pedagogia histórico-crítica se ocupa da educação com o pressuposto de estar estreitamente relacionada com o trabalho.

Dessa forma, a contribuição desse método é auxiliar os educadores na compreensão do fenômeno educativo, compreendendo o homem como um ser histórico e concreto sendo construído por meio das relações sociais e se diferenciando das outras espécies pela capacidade de transformar a natureza de acordo com suas necessidades. Essa transformação só acontece por meio do trabalho e dos instrumentos criados e aperfeiçoados ao longo do desenvolvimento da humanidade.

Em relação aos fundamentos psicológicos, a pedagogia histórico-críticas se apoia na teoria histórico-cultural de Vygotsky, pois esta também compreende que o homem se constitui historicamente a partir de suas relações com o mundo natural e social e que vai construindo o conhecimento por meio da interação. Nesse sentido, a escola deve assumir o papel nesse processo de mediação para a aprendizagem.

A Didática da pedagogia histórico-crítica foi desenvolvida por João Luiz Gasparin, em 2005. Ele coordenava um grupo de estudo constituído por 15 professores do Curso de Formação Docente que tinha a finalidade de estudar os pressupostos da pedagogia histórico-crítica e sua didática para chegar à sua efetivação na prática. Foram oito encontros de quatro horas para estudo e oito horas para a prática docente. A partir disso, Gasparin (2005) organizou os cinco passos da pedagogia histórico-crítica para desenvolver uma metodologia capaz de possibilitar a efetivação desta teoria na sala de aula: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final.

A prática social inicial parte do movimento sincrético onde aluno e professor estabelece um diálogo sobre a realidade social, ou seja, na sua totalidade para que possa no segundo momento, ser confrontada com a teoria quando é estabelecido a problematização que leva à busca da explicação da realidade por meio do conhecimento sistematizado. Logo após, na instrumentalização, precisa ser proposto ações pedagógicas que leve o aluno a se apropriar do conhecimento daquela realidade agora pautada na teoria. A etapa da catarse ocorre depois da apropriação do conhecimento representando um saber mais elaborado para que na prática social final, o aluno possa voltar ao ponto de partida superando o senso comum.

Com isso, o papel da escola é difundir os conhecimentos científicos e elaborados na perspectiva de formar cidadão críticos e transformadores. Os alunos são vistos como indivíduos concretos e com ação participativa e o professor é o agente responsável pelo

planejamento com intencionalidade específica no sentido de assegurar a assimilação dos conhecimentos exercendo o papel de mediador entre o saber e o aluno. Nesse caso, não há centralidade no aluno e nem no professor, mas no conhecimento.

A pedagogia histórico-crítica busca romper com a ideia de tudo o que faz na escola é currículo, mostrando que este deve ser composto pelas atividades essenciais que a escola precisa desenvolver para manter a sua especificidade. Nesse sentido, a escola deve se ocupar com a socialização dos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade o qual precisa ser dosado, organizado de maneira lógica, racional e intencional dando destaque ao clássico.

Os conteúdos devem ser aqueles de formação operacional que faz interferência indireta e operação formal que faz interferência direta. O aluno precisa aprender ler, escrever, ciências humanas e da natureza, fazer cálculos de maneira que esses conteúdos se tornem uma segunda natureza, pois o patrimônio cultural humano historicamente construído pode oferecer condições necessárias de humanização e emancipação.

Contudo, método da pedagogia histórico-crítica pretende superar os métodos tradicionais e os novos, incorporando as contribuições de um e do outro, não com a intenção de constituir-se em um misto, mas promovendo um equilíbrio entre os dois no sentido de estimular a iniciativa do aluno sem abrir mão do protagonismo do professor. Essa teoria, valoriza o diálogo dos alunos entre si, com o professor e com a cultura, além de levar em consideração o ritmo de aprendizagem e desenvolvimento psicológico mantendo a sistematização lógica dos conhecimentos e partindo sempre de uma relação direta da experiência do aluno confrontado com o saber sistematizado.

## **5. Considerações Finais**

Diante do exposto, entende-se que de acordo com a realidade social, política e econômica do Brasil, Saviani percebe a necessidade de o educador brasileiro passar do senso comum para a consciência filosófica buscando a compreensão de uma prática educativa crítica e revolucionária que esteja a serviço da classe trabalhadora e que seja capaz de promover o desenvolvimento de ações não alienadas em busca da transformação social.

Nesse sentido, Saviani sistematiza a pedagogia histórica-crítica apontando para a concepção de que a natureza da educação se refere ao trabalho não material cujo produto não se separa do ato de produção e suas especificidades trata-se dos conhecimentos, ideias,

conceitos, valores, atitudes, hábitos, símbolos como elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo na forma de segunda natureza.

Dessa forma, ao estudar as bases que sustentam a Pedagogia histórico-crítica, percebe-se que uma vez proporcionando o acesso aos saberes sistematizados a todos os alunos, é possível pensar em uma escola verdadeiramente democrática que pauta seu objetivo na formação de indivíduos conscientes, críticos, capazes de refletir sobre as contradições da sociedade capitalista e lutar contra qualquer forma de dominação. Para isso, faz-se necessário um esforço coletivo que vise aprofundar os estudos em torno dessa pedagogia que nos apresenta como revolucionária e capaz de superar o método tradicional e novo estando a serviço dos interesses da classe trabalhadora.

## Referências

BRASIL, Maggie Nunes. A pedagogia contida na forma de produzir capitalista. In: MASCARENHAS, Angela Cristina Belém (Org.). **Educação e trabalho na sociedade capitalista: reprodução e contraposição**. Goiânia: Editora UCG, 2005.

DUARTE, Newton. A pedagogia histórico-crítica no âmbito da educação brasileira. In: PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; CURY, Cláudia Engler; ANANIAS, Mauricéia (Org.). Anais em CD ROOM sobre **História da Educação brasileira: experiências e peculiaridades**. João pessoa: UFPB, 2012.

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

LIMA, Laís Leni O. Trabalho, sociedade e educação. In: As muitas faces do trabalho que se realiza na educação infantil. 2010. **Tese** (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia.

MARTINS, Lígia Márcia. Da formação humana em Marx à crítica da pedagogia das competências. In: DUARTE, Newton. (Org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

MARX, Karl. **O capital - Crítica da economia política**. Vol. II. São Paulo: DIFEL, 1985.

MASCARENHAS, Angela. C. B. (org.). Educação, trabalho e política: uma relação inevitável. In: \_\_\_\_ (org.). **Educação e trabalho na sociedade capitalista: reprodução e contraposição**. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

ROSSLER, João Henrique. A educação como aliada da luta revolucionária pela superação da sociedade alienada. In: DUARTE, N. (org.) **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze**

teses sobre educação política. Campinas: Autores Associados, 2007.

\_\_\_\_\_. **Escola e Democracia**. Campinas-SP, Autores Associados, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Histórico-Crítica primeiras aproximações**. 11.ed. Campinas: Autores Associados, 2013.